

Edifício Giselle (1969): construção e composição¹

CHIARELLI, SILVIA RAQUEL (1); ZEIN, RUTH VERDE (2)

1. Mestrado em andamento em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

silviraquelchiarelli@yahoo.com.br

2. Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2005) e professora PPI da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

rvzein@gmail.com

Palavras-Chave: Composição. Construção. Projeto.

Resumo

O presente trabalho se propõe a estudar uma das obras do arquiteto paulista Telésforo Cristófani (1929-2002) graduado pela FAU Mackenzie no ano de 1952. Autor com obra ampla, pouco reconhecida, mas premiada, entre seus projetos podem-se citar o antigo Restaurante Vertical Fasano (1964), localizado no Centro da cidade de São Paulo até seu fechamento; o edifício Paulista I (1973), localizado na Av. Paulista; e o escritório Sede C.T.B. – TELESP, localizado no bairro Bela Vista, também em São Paulo. Ao longo de sua obra, o arquiteto projetou para situações econômicas e técnicas muito diversas, em cada caso buscando adequar o processo criativo, os meios técnicos e os resultados plásticos, atendendo às exigências que cada obra objetivamente propõe, evidenciando grande capacidade de adaptação às circunstâncias técnicas, ao tempo e ao lugar. Ao mesmo tempo, a grande qualidade da sua obra permite e facilita uma análise crítica criteriosa que pode ajudar a iluminar a questão dos processos projetuais empregados naquele momento e contexto histórico, ampliando assim o reconhecimento da arquitetura brasileira moderna e contemporânea, além de sua contribuição para a renovação no cenário arquitetônico nas décadas de 1960-1980. Para exemplificar esta atitude projetual, se propõe realizar a análise selecionada sob o ponto de vista da construção e da composição arquitetônica. A obra selecionada é o edifício Giselle, com tipologia habitacional e comercial, localizado entre a Avenida Nove de Julho e Rua Jerônimo Veiga no bairro Itaim Bibi em São Paulo e concluído em 1969.

Keywords: Composition. Construction. Project.

Abstract

This article aims to examine the works of architect Telésforo Cristofani (1929-2002) graduated from College of Architecture and Urbanism Mackenzie in 1952, in São Paulo. Author with extensive work, little recognized but rewarded, among its projects can be mentioned the old Restaurante Vertical Fasano (1964), located in the City of São Paulo until its closure, the building Paulista I (1973), located at Av . Paulista, and the Headquarters office C.T.B. - TELESP, located in Bela Vista, also in São Paulo. Throughout his work, the architect designed for technical and economic situations very different in each case seeking to adapt the creative process, the technical and performance plastics to meet the requirements that each proposed work objectively, showing great ability to adapt to circumstances techniques, time and place. At the same time, the high quality of his work allows and facilitates a thorough critical analysis that can help illuminate the issue of the design process used at that time and historical context, thus broadening the recognition of Brazilian modern and contemporary architecture, and its contribution to renewal in the architectural scene in the decades from 1960-1980. To exemplify this attitude projetual, it proposes to perform the analysis selected from the point of view of construction and architectural composition. The selected work is the building Giselle, housing typology, located between the Avenue Nove de Julho and Jerônimo Veiga Street, in Itaim Bibi, in São Paulo and completed in 1969.

1. Introdução

A intenção deste trabalho é a de identificar estratégias projetuais e analisar as relações entre os resultados compositivos e os meios construtivos escolhidos empregados em uma obra significativa projetada e construída pelo arquiteto paulista Telésforo Cristófani (1929-2002)².

Esta análise responde ao desejo e ao mesmo tempo à necessidade de ensaiar uma aproximação à obra arquitetônica em si que permita contemplá-la em sua totalidade, tanto na sua presença e permanência enquanto objeto, quanto na sua relação com os meios físicos que permitiram sua realização.

Além do que este trabalho propõe a continuação e aprofundamento do estudo das obras do arquiteto paulista Telésforo Cristófani partindo do seu reconhecimento profissional como responsável juntamente com um grupo de talentosos arquitetos paulistas, por uma importante renovação no cenário arquitetônico nas décadas de 1960-1980.

Na análise da obra arquitetônica será considerada como base conceitual, as considerações propostas por Carlos Eduardo Dias Comas no texto “Projeto arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação” (1985:pag1), no qual o autor discute quais poderiam ser as especificações formais básicas da solução de um problema de projeto. Segundo esse autor seriam elas resumidamente:

- a) As especificações formais de natureza geométrica, como configuração, compartimentação, associação e distribuição de espaços e volumes;
- b) As especificações formais de natureza técnico-construtiva, como a definição primária de componentes e sistema estrutural;
- c) As especificações formais de natureza essencialmente figurativa, como a ênfase da composição arquitetônica proposta.

Todas estas especificações formais necessariamente se apresentam coordenadas entre si.

Serão consideradas ainda, como base conceitual da análise proposta, o conteúdo posto no livro “J. Ll. Sert: Construcción y arquitectura” dos autores Edgardo Mannino e Ignacio Paricio. Ao desenvolverem a análise de três edifícios de J. Ll. Sert, esses autores procuraram compreender as relações entre a arquitetura e a construção, fazendo-o por meio da análise das relações entre o resultado arquitetônico e os meios construtivos empregados.

Também foram de grande importância para a conceituação deste trabalho os estudos de Kenneth Frampton³ sobre os conceitos de estereotômico/tectônico e do livro “El Muro” de Jesús Maria Aparício Guisado que considera ambos conceitos como duas formas distintas de ver a arquitetura e analisá-la. Para maior clareza, esses conceitos serão inicialmente apresentados e definidos para a seguir aplicá-los na análise do Edifício Giselle, não só nas suas propriedades materiais e construtivas, mas também quanto às suas idéias, intenções e visões arquitetônicas.

Vale ressaltar que esta pesquisa também prioriza a descrição como etapa necessária e anterior à análise e interpretação da obra, assim como proposto no livro pioneiro de Marlene Milan Acayaba, “Residências em São Paulo 1947-1975”. Neste trabalho, a autora procede a uma leitura cuidadosa de cada obra arquitetônica, enfatizando os aspectos que serão mais proveitosos para efetuar a análise proposta como passo de preparação anterior à sua análise e interpretação.

Ao procurar analisar neste trabalho as relações possíveis entre as técnicas edificatórias e as intenções compositivas levanta-se a hipótese de que seu relacionamento se estabelece com base em um processo de compreensão de suas exigências, especificidades e potencialidades que sugere ou permite, e que vão sendo compreendidas e refinadas por meio de sucessivas escolhas e conseqüentes definições até atingir o resultado pleno no projeto completo.

2. Análise projetual do Edifício Giselle: construção e composição.

A análise de um edifício pode começar por sua relação com o tecido urbano da cidade, sua implantação no lote urbano e sua relação com as ruas que circundam esse lote; seguida da contemplação do objeto em si, o edifício, a partir de suas envoltórias externas, para depois se debruçar sobre seus espaços internos, finalizando nos detalhes construtivos e/ou formais. Essa é uma abordagem correta, que avalia o edifício da escala macro à micro, e suas relações indo do público ao privado.

Entretanto, este trabalho vai optar por uma abordagem distinta. Embora comece com uma breve descrição do edifício e sua localização na cidade, vai a seguir aplicar as idéias de estereotômico/tectônico para compreendê-lo pelo aspecto que, de fato, mais chama a atenção aos olhos de quem o observa: seu grande volume massificado. Adiante a análise buscará trazer à vista os elementos e as relações entre o edifício e a cidade e entre o público e o privado conforme o próprio objeto se apresenta para nós.

O Edifício Giselle, projetado e construído no ano de 1969, fora implantado em um lote com área de aproximadamente 780,00 m² e 28,60 m de frente para a Avenida Nove de Julho e 28,65 m para a Rua Jerônimo da Veiga, no bairro Itaim Bibi, na zona sul da cidade de São Paulo.

O edifício com uso comercial e residencial possui dois térreos: um localizado na cota -1.25 e outro na cota +1.50. Pela Avenida Nove de Julho, localizada na cota 0.00, os moradores acessam as unidades pela cota -1.25, a mesma onde se encontra a garagem; enquanto que o público, por acessos distintos e sem comunicação com o acesso das unidades, chega ao comércio localizado na cota +1.50 pelas escadas laterais. O mesmo público também tem acesso ao comércio pela

Rua Jerônimo da Veiga, localizada na cota +1.25. Logo, estando os portões de acesso ao comércio abertos, o público pode seguir de uma rua a outra percorrendo o meio da quadra.

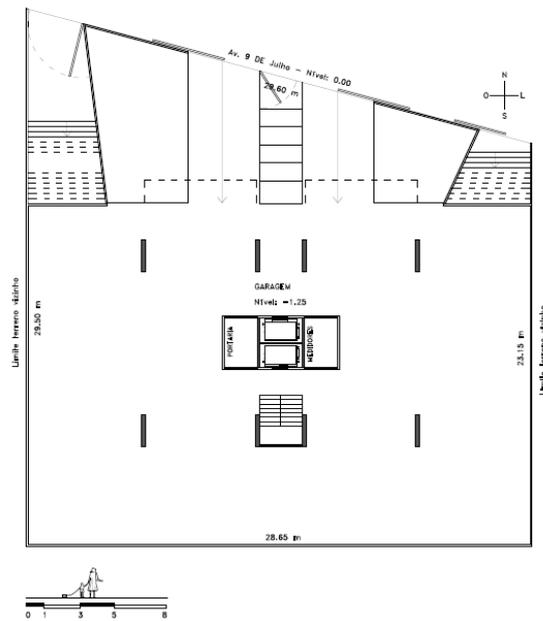


Fig. 1: Térreo: garagem na cota -1.25. Acesso aos apartamentos pela Avenida Nove de Julho.

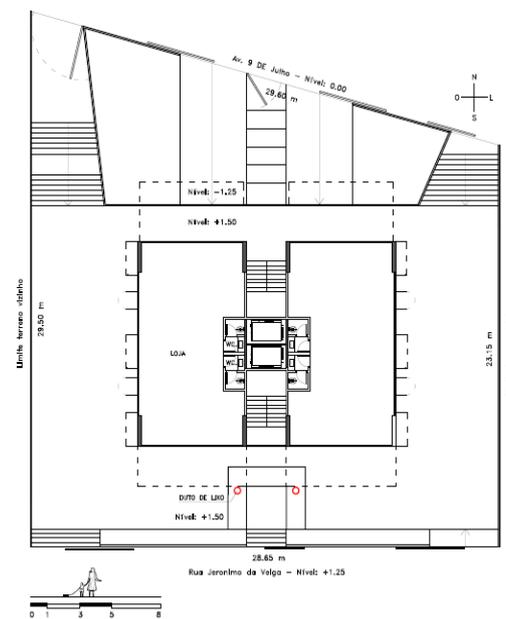


Fig. 2: Térreo: comércio na cota +1.50. Acesso pela Avenida Nove de Julho e pela Rua Jerônimo da Veiga.

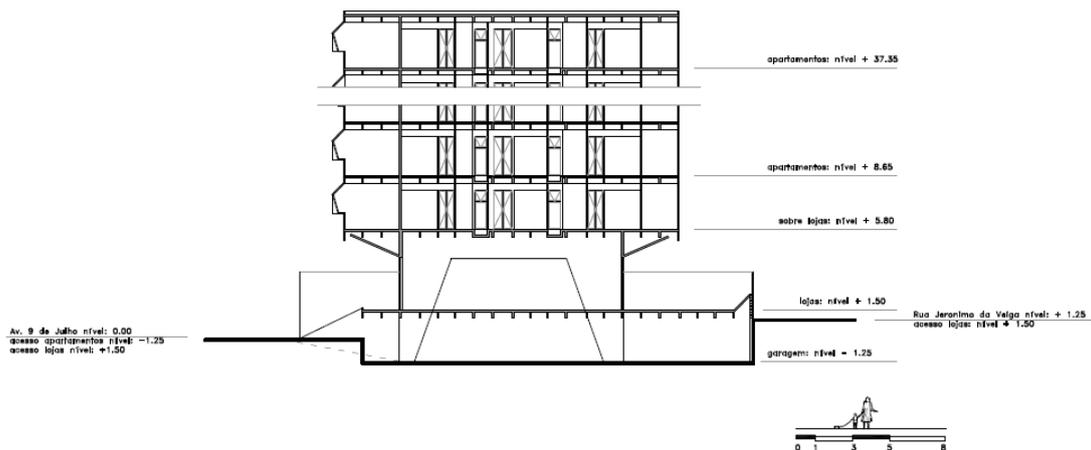


Fig. 3: Corte transversal. Acessos aos dois térreos.

Fonte: Desenhos de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

O grande volume massificado construído em concreto armado e aparente pode ser considerado como uma construção e uma composição de ordem estereotômica. Sua composição pode ser descrita de mais de uma maneira: não basta indicar que se trata de um volume extrudado a partir de uma planta em formato de “H”. Também se pode tratá-lo como sendo resultado de um grande volume prismático, estereotômico, do qual foram subtraídos pequenos volumes gerando fendas ou descontinuidades verticais nas fachadas norte e sul. Ou ainda pode-se considerá-lo como a junção de três volumes verticais, sendo dois deles maiores e de mesmas dimensões, unidos por um mais alto e com menor largura e profundidade. Uma terceira leitura seria de um volume prismático partido ao meio, gerando dois outros, que se afastam permitindo que um terceiro volume seja inserido entre ambos.

Essas e outras leituras de relações entre os elementos que compõem esse edifício indicam diferentes possibilidades que resultaram na sua composição e influenciaram também na aplicação das técnicas construtivas que viabilizaram sua construção. Logo todos esses elementos se relacionam entre si, conformando a obra construída, cuja qualidade arquitetônica viabiliza as idéias do arquiteto, ou “o arquiteto como construtor de idéias” como apresenta Alberto Campo Baeza no seu livro *Aprendiendo a Pensar* (2008; p. 9).

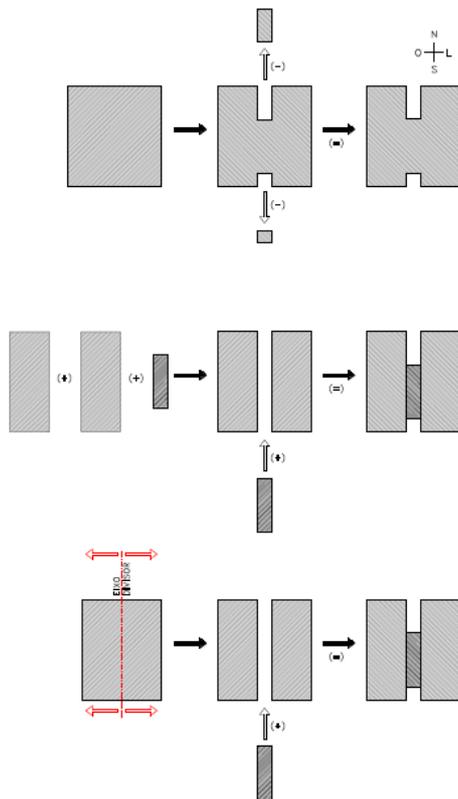


Fig. 4: Três leituras da composição.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Em seguida observamos os volumes menores e salientes em concreto aparente que marcam eixos verticais nas fachadas leste e oeste. Eixos horizontais são marcados pela interrupção desses mesmos volumes a cada andar, que juntamente com aberturas discretas, marcam o número de pavimentos e compõem uma unidade compositiva. Assim essas fachadas estão no meio de um processo de transição entre auto portantes e “cegas” para uma vedação que “veste” uma estrutura independente, ou vice-versa. Uma ambigüidade que contribui para outras possíveis leituras de composição. Esses volumes menores, de ordem tectônica, podem ter sido adicionados ao volume maior, estereotômico. Ou ainda podemos considerar como resultado de desdobramentos sofridos por uma parede contínua em concreto aparente.

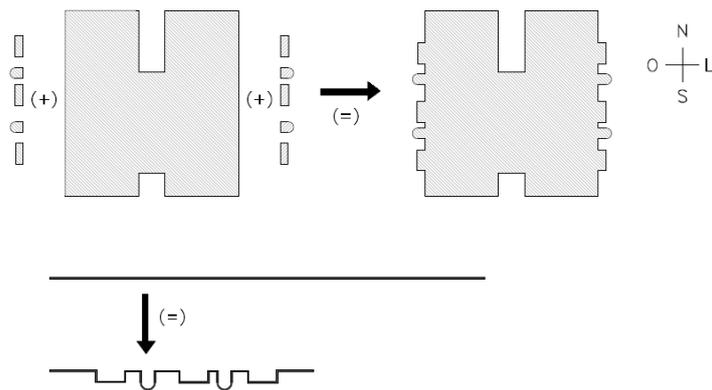


Fig. 5: Duas leituras da composição.



Fig. 6: Fachada leste. Destaque para as saliências dessa fachada.
 Fonte: Desenho e fotografia de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

A partir dessas duas possíveis leituras, cabe a descrição de como se estrutura o edifício. Cada uma das torres de apartamentos, assim como o volume central onde há a circulação vertical, possui uma estrutura independente. O volume central funciona como um grande pilar feito de concreto armado. Já cada torre possui vigas de transição na periferia e lajes nervuradas construídas em concreto armado que se repetem em todos os pavimentos tipos e se apóiam em quatro pilares (ver Fig. 8 e Fig. 10). Logo a planta de cada unidade é livre, permitindo que os espaços melhor se ajustassem dentro do perímetro demarcado pelos volumes menores e pelos vedos.

Independentemente de sua leitura, tais saliências não são percebidas como interrupções do espaço pelo usuário que se encontra no interior da unidade. Além de serem uma solução comum de melhor aproveitamento dos espaços internos para os armários e muito repetida por outros arquitetos modernos, Cristófani inova ao fazer o mesmo com os boxes dos banheiros.

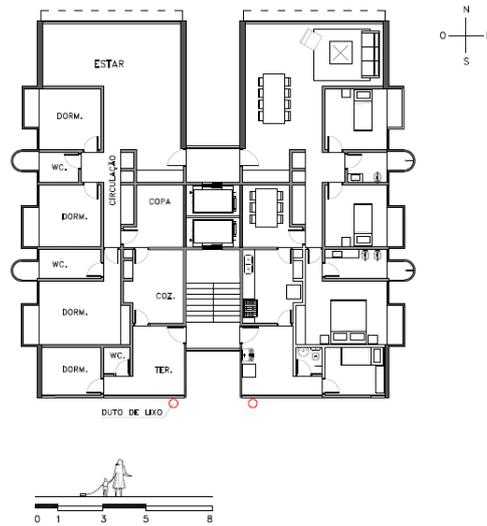


Fig. 17: Planta pavimento tipo (unidade).

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Já na fachada norte, destacam-se as abas de proteção feitas em concreto sobre as janelas envidraçadas que ocupam toda a extensão de cada uma das torres de apartamentos. Assim como os volumes laterais nas fachadas leste e oeste, as abas, que parecem ter sido adicionadas ao grande volume massificado, compõem uma unidade compositiva.

Na mesma fachada também há a marcação de dois eixos: vertical e horizontal. O eixo vertical é evidenciado pelo vão que há entre as duas torres, enquanto que o horizontal é marcado pelas abas e janelas que demarcam o número de pavimentos.



Fig. 8: Fachada norte.



Fig. 9: Vão entre as torres - eixo vertical.



Fig. 10: Aba e janela – eixo horizontal.

Fonte: Fotografias de S. R. Chiarelli – Maio de 2011

A construção da janela envidraçada que ocupa toda a extensão da torre foi viável pela fachada livre que, por sua vez, derivou da planta livre. Seu desenho e seu mecanismo de funcionamento garantem grande luminosidade e ventilação na sala que possui quase um terço da área total do apartamento. Quando fechada, trata-se de um plano de vidro inclinado em um ângulo de 30° com relação ao plano da fachada. Já quando essa janela é aberta, através do seu destravamento manual, a força da gravidade atua no plano inclinado envidraçado de forma que esse fique posicionado no ângulo de 90° com relação ao plano da fachada. Logo, quando aberta, forma-se um vão entre o plano de vidro e o peitoril por onde há a entrada e saída de ar.

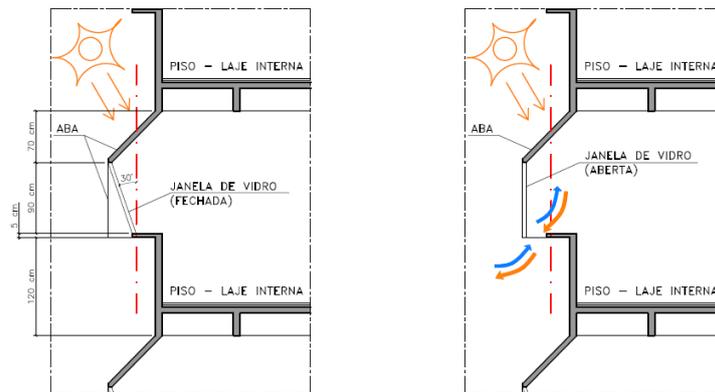


Fig. 11: Detalhe esquemático da janela.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Em contraposição ao desenho dessa janela, está o simples desenho de caixilharia das janelas da fachada sul, que, assim como as outras fachadas apresentadas, também é composta pelos dois eixos: vertical e horizontal. O eixo vertical é marcado por dois dutos de lixo externos, de ordem tectônica, que estão presos ao volume estereotômico; enquanto que o horizontal é marcado pela diferenciação de cor e textura da laje em concreto aparente e a alvenaria de vedação em cor branca que demarcam cada pavimento de apartamentos.



Fig. 18: Fachada oeste. Base e corpo do edifício.

Fonte: Fotografia de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Logo há uma ordem de hierarquia entre as fachadas que fora estabelecida através das relações entre a forma e a construção dos elementos que compõem cada uma delas. A ordem corresponde em primeiro lugar à fachada norte com seu desenho de janela, em seguida as fachadas leste e oeste com suas saliências, e em último lugar, a fachada sul.

A mesma ordem de hierarquia nos é apresentada pela configuração dos espaços internos das unidades. A seguir veremos que a disposição desses espaços no sentido bidimensional horizontal (conformação em planta) é confirmada no sentido bidimensional vertical (conformação das fachadas).

Em primeiro lugar, a sala de estar, que se destaca dos outros ambientes pela sua dimensão, corresponde ao ambiente nobre da unidade e está delimitada pela fachada norte, voltada para a Avenida Nove de Julho.

Já em segundo lugar, notamos a divisão dos ambientes íntimos e dos ambientes de serviço em dois eixos transversais vistos na planta de cada unidade – eixos privado e público respectivamente. Consideramos como ambientes íntimos os dois dormitórios e o banheiro que os atende, assim como a suíte, o dormitório e o banheiro da empregada. Já como ambientes de serviço, nos referimos à copa, a cozinha e a área de serviço que inclui o terraço para a secagem de roupa.

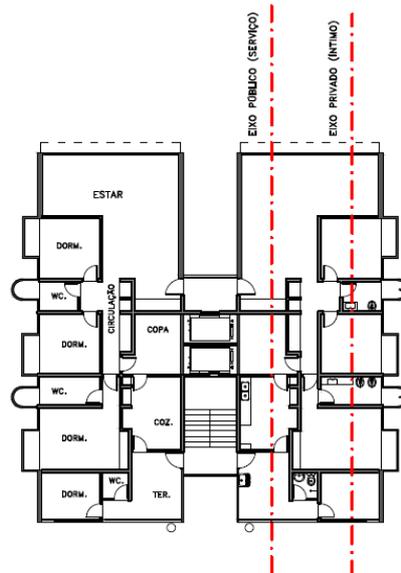


Fig. 13: Disposição dos espaços internos: leitura dos eixos privado e público.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Em oposição ao ambiente mais nobre da unidade, estão o dormitório e o banheiro da empregada, juntamente com a lavanderia e o terraço para secagem de roupa, que correspondem à área menos nobre da unidade. Logo, essa área é delimitada pela fachada sul que fora considerada como a que assume a última posição na ordem hierárquica. Assim o eixo público de cada uma das unidades se volta para o centro distribuidor do edifício de forma que configurou o espelhamento da planta dos apartamentos. Outra leitura possível para a disposição dos ambientes internos pode ser considerada pela questão da insolação.

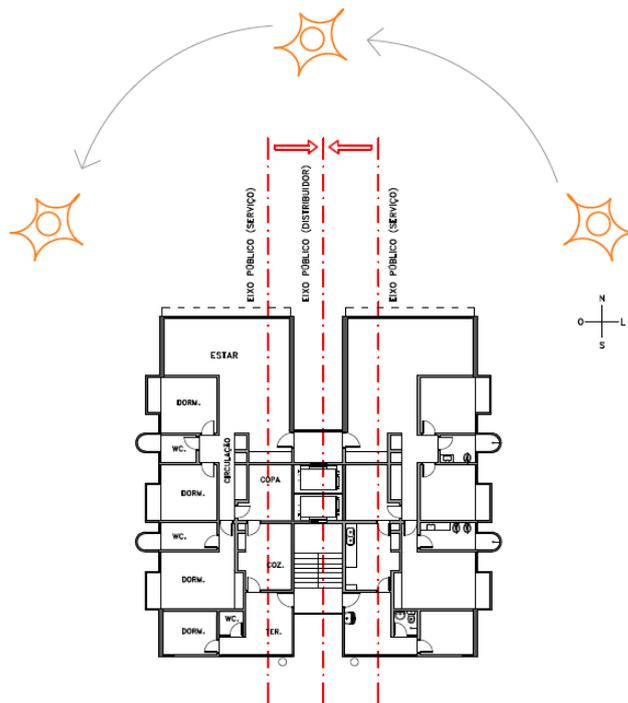


Fig. 14: Disposição dos espaços internos. Duas leituras: eixos públicos e insolação.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Na análise do Edifício Giselle a leitura do volume massificado com superfície contínua, rígida e opaca presente no concreto aparente já nos fora apresentada. Porém essa mesma leitura não pode ser considerada nos térreos, cotas -1.25 e +1.50.

Em ambos pavimentos, a superfície é descontínua, sendo formada na cota +1.50 por quatro pilares de concreto aparente, que podem ser lidos como paredes em forma de “V”, que seguem até a cota -1.25. Na cota +1.50, as paredes de concreto são alternadas por paredes de vidro, enquanto que na cota -1.25, essa alternância não ocorre uma vez que só há as paredes de concreto.

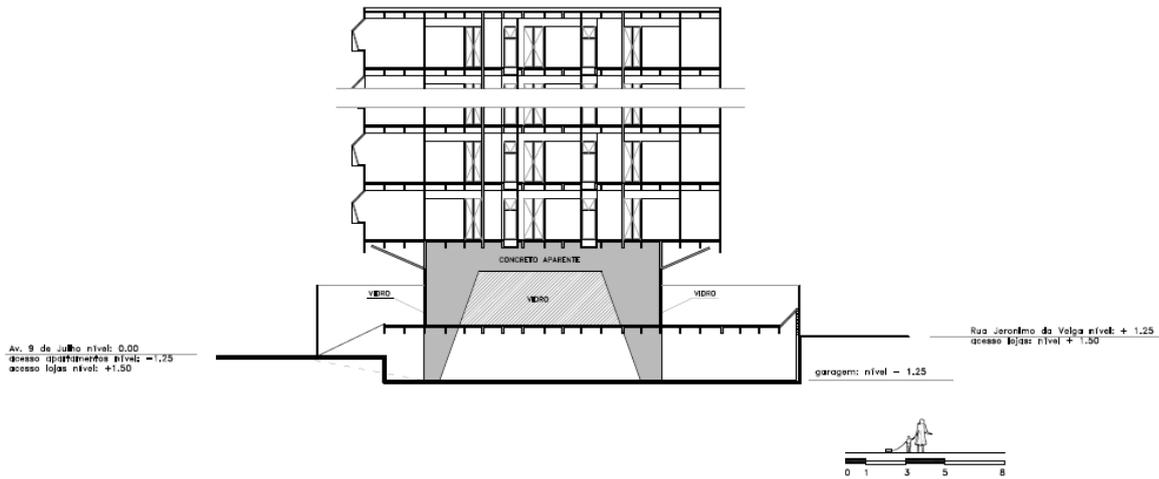


Fig. 15: Destaque para as cotas -1.25 e +1.50. Descontinuidades: vidro e concreto aparente.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

Os pilares, lidos como paredes, podem ser considerados como a continuidade da grande parede de concreto que delimita a área dos apartamentos. E essa parede em forma de “V” é a base do edifício e a qual o liga à terra, e não somente o apóia ao chão. Tratam-se de possíveis leituras, ou ainda, ambigüidades.

Assim notamos que a diferenciação de uso é marcada pela distinção dos materiais e elementos que compõem as fachadas. Logo o edifício é composto por base, corpo e coroamento.

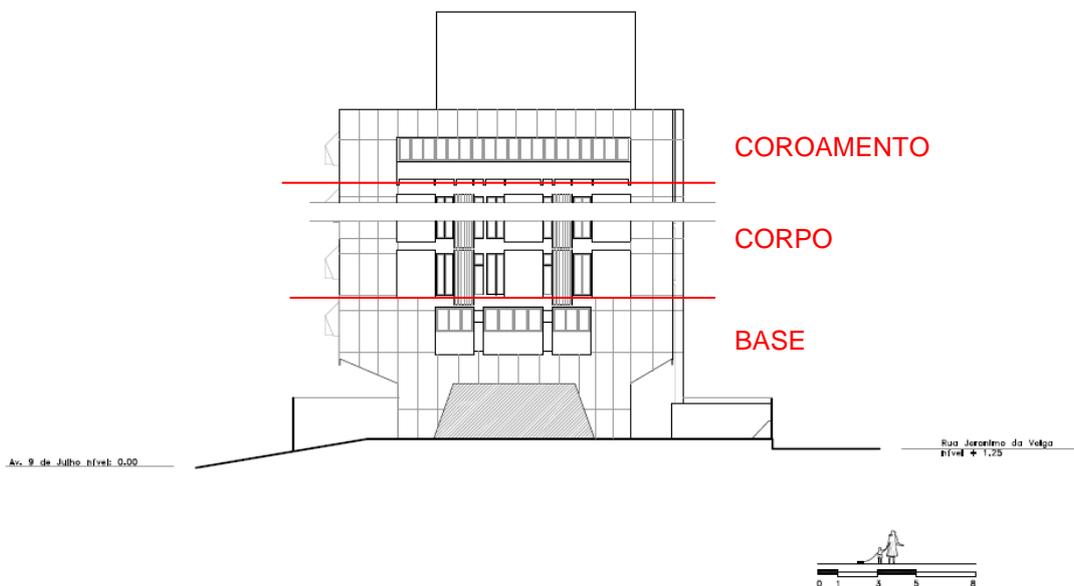


Fig. 16: Fachada oeste. As três partes que compõem o edifício: base, corpo e coroamento.

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

A base corresponde ao pavimento da garagem, lojas e sobrelojas, que vão das cotas -1.25 a +5.80; enquanto que o corpo corresponde aos pavimentos dos apartamentos, que vão das cotas +8.65 a +34.50; e o coroamento ao último pavimento de apartamentos na cota +37.35 (ver Fig. 10). As fachadas leste e oeste são compostas pelas três partes, enquanto que as fachadas norte e sul, apenas por duas delas: base e corpo. E ainda, na fachada norte, o pavimento que corresponde às sobrelojas apresenta a mesma composição e matéria que o dos apartamentos; enquanto que na fachada sul, o pavimento das sobrelojas apresenta composição e matéria distintas dos apartamentos, com vedação em concreto aparente.

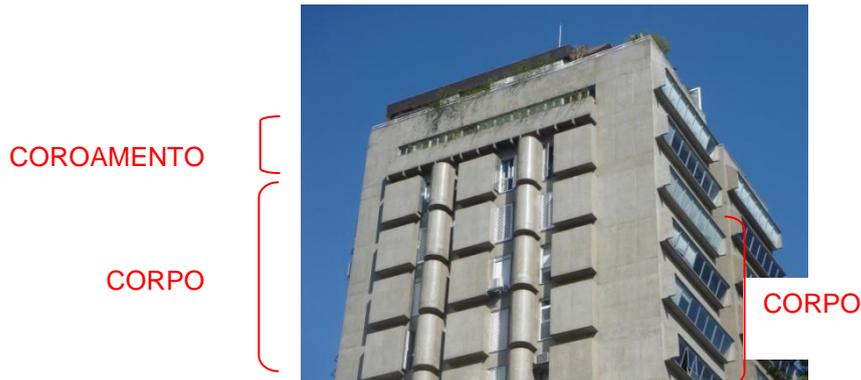


Fig. 17: Fachadas leste e norte. Fachada leste: corpo e coroamento do edifício. Fachada norte: corpo do edifício.



Fig. 18: Fachada oeste. Base e corpo do edifício.



Fig. 20: Fachada sul. Base e corpo do edifício.



Fig. 20: Fachada sul. Base e corpo do edifício.



Fig. 21: Fachada sul. Térreo (cota +1.50): base do edifício.

Fonte: Fotografias de S. R. Chiarelli – maio de 2011.

Visto da Avenida Nove de Julho, cota 0.00, o pavimento térreo com lojas está elevado 1.50 metros com relação ao solo de forma que pareça flutuar, uma vez que está apoiado nos quatro pilares que se iniciam na garagem (ver Fig. 22 e Fig. 26). O contato do edifício com o solo ocorre na cota -1.25, onde se encontram a garagem e o volume central menor que contém a circulação vertical.

Seu acesso é privado; restrito aos moradores. Já o acesso as lojas pelas duas escadas laterais do terreno é público (ver Fig. 8 e Fig. 9). Logo o terreno parece ter sido escavado de forma a abrigar os dois térreos com acessos distintos.

Já visto da Rua Jerônimo da Veiga, cota +1.25, o edifício está apoiado sobre um patamar com altura de 25 centímetros. O pavimento dos escritórios toca o chão e seu acesso público é viável por uma escada e uma rampa localizadas nas laterais do terreno no mesmo eixo que as duas escadas existentes na Avenida Nove de Julho, tornando-o permeável e fluído.

Por essa mesma rua, são realizados os serviços cotidianos de manutenção dos apartamentos, como recolhimento do lixo e relógio de água, com acesso restrito aos funcionários.

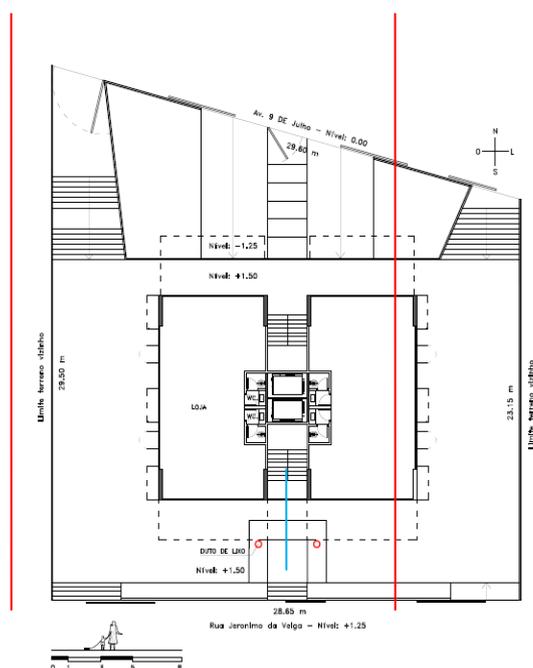


Fig. 22: Planta do térreo (lojas) cota +1.50. Destaque para os dois eixos (em vermelho) de acesso público que permeiam o terreno e para o acesso ao lixo e ao relógio de água que atendem às unidades (em azul).

Fonte: Desenho de S. R. Chiarelli – Maio de 2011.

O patamar com altura de 25 centímetros viabilizou a ventilação natural cruzada na garagem através da construção de uma plano inclinado na cota +1.50. Com ligação entre a garagem e a Rua Jerônimo da Veiga, a mureta com altura de 90 centímetros, construída com elementos vazados, está posicionada na frente do plano inclinado de forma não só de demarcar o limite entre o terreno e a rua, como também de permitir a ventilação desejada.

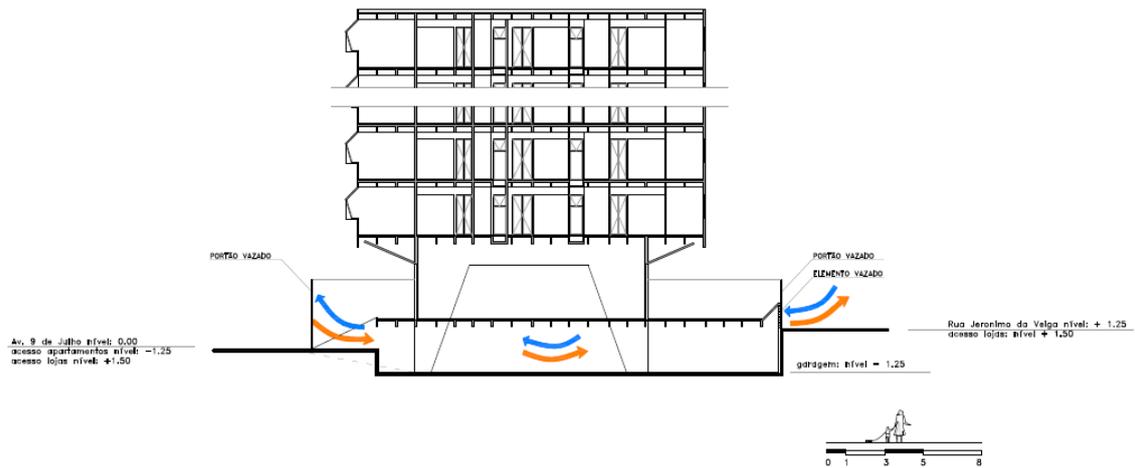


Fig. 23: Corte transversal esquemático com troca de calor entre a Avenida Nove de Julho e a Rua Jerônimo da Veiga.



Fig. 24: Destaque para o plano inclinado.



Fig. 25: Destaque para a mureta em elemento vazado.

Fonte: Desenho e fotografias de S. R. Chiarelli – maio de 2011.

Por fim, vemos a complexa combinação de elementos de ordem estereotômica que juntamente com outros de ordem tectônica possibilitam diferentes leituras da obra e carregam idéias ambíguas. Tal complexidade dão à essa e à outras obras qualidade arquitetônica. E retoma o que escreveu Campo Baeza (2008, p.9) ao se referir ao “arquiteto como um construtor de idéias”, processo que ocorre através da “idealização do material e a materialização de um ideal” como mencionou Aparício Guisado. (2005, p.218)

Notas

1. Este artigo foi realizado como trabalho final para a disciplina “Arquitetura Moderna”, que teve como docentes a Dra. Ruth Verde Zein e a Dra. Ana Gabriela Godinho Lima, do curso de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie – 1º semestre/2011.
2. Ver a dissertação de Mestrado da arquiteta ARAUJO, Fanny Schroeder de Freitas. *Telésforo Cristófani (1929-2002), contribuições à arquitetura paulista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.
3. FRAMPTON, K. *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. Cambridge: MIT, 1995.

Bibliografia

ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947-1975*. São Paulo: Projeto, 1986.

APARÍCIO GUISADO, J.M. *El muro*. Buenos Aires: Libéria Técnica, 2005.

ARAUJO, Fanny Schroeder de Freitas. *Telésforo Cristófani (1929-2002), contribuições à arquitetura paulista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. *Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira. Discurso: prática e pensamento*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2003.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: arquiteturas após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010, 1ª edição.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CAMPO BAEZA, Alberto. *Aprendiendo a pensar*. Buenos Aires: Nobuko, 2008.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Projeto arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1986.

CURTIS, William J. R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Editora Bookman, 2008, 3ª edição.

FRAMPTON, K. *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. Cambridge: MIT, 1995.

IGNACIO, Paricio; MANNINO, Edgardo. *J. Ll. Sert: Constrcción y Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

KRUFT, Hanno-Walter. *Historia de a teoria de la arquitectura*. Barcelona: Alianza, 1990, vol. 1 e 2.

MONEO, Rafael. *Inquietud teórica y estrategia proyectual em La obra de ocho arquitectos contemporâneos*. Barcelona: Actar, 2004.

MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009, 1ª edição.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970..

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, 2ª edição.

XAVIER, Alberto. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1985.

ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista, 1953 – 1973*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Paulo e Porto Alegre, 2005.

ZEIN, Ruth Verde. *Arquitetura brasileira, Escola Paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Paulo e Porto Alegre, 2000.

ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica*. São Paulo: Uniritter, 2001, 1ª edição.

Artigos:

FUÃO, Fernando Freitas. *Brutalismo. A última trincheira do movimento moderno*.

Arquitextos, n. 007.09. São Paulo, Portal Vitruvius. Dezembro, 2000.

Disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.007/949>

Acesso em: 02 de fevereiro de 2011.

ZEIN, Ruth Verde. *Breve introdução à Arquitetura da Escola Paulista Brutalista*. Arquitextos, n. 069.01. São Paulo, Portal Vitruvius. Fevereiro, 2006.

Disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/375>

Acesso em: 17 de novembro de 2010.

ZEIN, Ruth Verde. *A década ausente. É preciso reconhecer a arquitetura brasileira dos anos 1960-70*.

Arquitextos, n. 076.02. São Paulo, Portal Vitruvius. Setembro, 2006.

Disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.076/318>

Acesso em: 17 de novembro 2010.

ZEIN, Ruth Verde. *Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)*. Arqutextos, n. 084.00. São Paulo, Portal Vitruvius. Maio, 2007.

Disponível em <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/07.084/243>

Acesso em: 17 de novembro de 2010.

Outros:

Desenhos e Fotografias correspondentes ao Edifício Giselle são de S. R. Chiarelli – maio de 2011.